



CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA(S) E CRIANÇA(S): ABORDAGEM METODOLÓGICA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFPB

**Conceptions of childhood(s) and child(ren): methodological approach in the
pedagogy course at UFPB**

Nádia Jane de SOUSA

Departamento de Habilitações Pedagógicas
Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa, Brasil

janenadia@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3648-4559> 

Eduardo de Souza LIMA

Centro de Educação, Curso de Pedagogia
Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa, Brasil

eduslufpb@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0002-4867-0102> 

A lista completa com informações dos autores está no final do relato 

RESUMO

O texto trata de um relato de experiência vivenciada no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I, especificamente na primeira unidade de um componente curricular denominado "Organização e prática da Educação Infantil" (EI). A partir de uma tarefa proposta à turma que consistia na escolha pelas/os estudantes de artefatos culturais, que, em suas perspectivas, representassem a(s) infância(s) contemporânea, a experiência aqui relatada, fruto de um dos trabalhos apresentados em sala de aula, partiu da escolha de três desenhos animados, "Os Flintstones", "Padrinhos Mágicos" e "Hora da Aventura", objetivando, a partir da apresentação de recortes de 11 episódios escolhidos, discutir modos de ser e estar das crianças na relação que estabelecem com seu entorno, este atravessado por dinâmicas sociais e culturais de amplas e diversas dimensões. O estudo aponta mudanças no modo dos desenhos abordarem as crianças, revelando perspectivas distintas na compreensão do ser e estar criança no contexto em que estavam situados.

PALAVRAS-CHAVE: Infâncias e crianças. Artefatos culturais. Curso de Pedagogia.

ABSTRACT

The paper is a report of experience in the Pedagogy undergraduate course at UFPB (Campus I), specifically in the first unit of a curricular component called "Organization and practice of Early Childhood Education (EI)". Based on a task proposed to the class that consisted of the students choosing cultural artifacts, which, from their perspective, represented contemporary childhood(s), the experience reported here, the result of one of the works presented in class, starting from the choice of three cartoons: "The Flintstones", "Fairly OddParents" and "Adventure Time", aiming, based on the presentation of clippings from 11 chosen episodes, to discuss children's ways of being in relationships that they establish with their context, which are crossed by social and cultural dynamics of broad and diverse dimensions. The study points out changes in the way drawings approach children, revealing different perspectives in understanding the being of a child in the context in which they were situated.

KEYWORDS: Childhood and children. Cultural artifacts. Pedagogy Course.

INTRODUÇÃO

O texto a seguir trata de um relato de experiência vivenciada no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I, especificamente em um componente curricular denominado "Organização e prática da Educação Infantil (EI)"¹, cujos objetivos ao longo do semestre foram: 1. Refletir acerca do conceito de infância enquanto histórico e social; 2. Conhecer modificações históricas do conceito de infância e suas implicações para a Educação Infantil; 3. Conhecer documentos norteadores das políticas públicas brasileiras para a Educação Infantil; 4. Discutir a função da Educação Infantil e seus fundamentos; 5. Oportunizar a análise e o desenvolvimento de propostas de organização do trabalho pedagógico para creches e pré-escolas; 6. Refletir sobre a importância e papel da(o) professora(or) que atua na Educação Infantil.

Em que pese a importância dos temas tratados, tendo como foco a compreensão do trabalho desenvolvido na Educação Infantil, esse trabalho traz um recorte do que foi vivenciado na primeira unidade estudada no componente citado, cujo conteúdo abordou os Fundamentos e concepções de infância, criança e de Educação Infantil numa perspectiva histórica e a infância contemporânea.

Assim, tendo como questão norteadora para guiar tais discussões, a pergunta "quem são as crianças que chegam na EI?", alguns textos bases foram indicados e discutidos, bem como apresentada uma proposta de atividade para a turma. A tarefa consistia na escolha pelas/os estudantes de artefatos culturais, que, em suas perspectivas, representassem a(s) infância(s) contemporânea(s).

Compreendendo que os artefatos são materiais (físicos ou não), símbolos e signos que constituem o universo cultural onde se inserem os indivíduos, refletindo a forma como interagem com o meio social, diversos foram os exemplos trazidos pela turma para discutir a infância contemporânea, a exemplo de brinquedos (bonecas, carrinhos), vídeos do aplicativo Tik Tok, gibis, filmes, livros de literatura infantil, etc.

Fruto de um dos trabalhos apresentados, a experiência aqui relatada partiu da escolha de três desenhos animados, "Os Flintstones", "Padrinhos Mágicos" e "Hora da Aventura", objetivando, a partir da apresentação de recortes de 11 episódios

¹ Esse componente possui a seguinte ementa: "Fundamentos filosóficos, históricos, sociológicos, psicológicos, biológicos, políticos culturais e legais da Educação Infantil. Concepções teóricas, metodológicas e prática pedagógica da Educação Infantil".

escolhidos, discutir modos de ser e estar das crianças na relação que estabelecem com seu entorno, este atravessado por dinâmicas sociais e culturais de amplas e diversas dimensões.

Esse texto, portanto, está dividido em 3 partes: constitui-se dessa introdução, para em seguida apresentar as discussões que foram vivenciadas durante a Unidade I do componente curricular citado, que versaram sobre a construção social e histórica do conceito de infância, assim como aspectos do modo de ser/estar das crianças na contemporaneidade; na terceira parte do texto, apresentaremos os desenhos escolhidos e, a partir deles, serão desenvolvidas análises sobre as questões trazidas, tendo como recorte o modo como as crianças são apresentadas, na relação com o considerado mundo adulto e com os elementos abordados pelos desenhos animados.

Pretende-se com esse trabalho, a partir da contribuição de teóricos(as) como Ariès (1986), Momo (2007;2014), Lopes (2018), Sarmiento (2004), Postman (1999), fomentar a discussão acerca das transfigurações nas concepções de infâncias e de crianças.

Parte-se aqui, do pressuposto de que precisamos compreender cada vez mais quem são as crianças que chegam nas instituições de Educação Infantil, quais são seus interesses e necessidades, levando em consideração as interações diretas ou indiretas que essas crianças têm desde pequenas com o mundo informacional e tecnológico que contribuem para o desaparecimento das barreiras entre o mundo infantil e adulto (Ariès, 1986; Postman, 1999), para que possamos refletir sobre importância da reconstrução permanente da práxis educacional, levando em consideração as atuais e prementes exigências, tendo como pressuposto a defesa aos direitos das crianças e suas vivências da infância.

A INFÂNCIA E AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS: DISCUSSÕES OCORRIDAS NO INÍCIO DE SEMESTRE LETIVO

Ao tratar do modo como se organiza a Educação Infantil, seus saberes e práticas, foco do trabalho do componente curricular “Organização e Prática da Educação Infantil”, iniciamos discutindo a(s) criança(s) que chegam às instituições educativas, buscando compreendê-las enquanto sujeitos históricos, inseridos em uma sociedade complexa e multifacetada. Mesmo cientes da impossibilidade de abarcar as nuances e complexidade

que demarcam esse campo de estudos, algumas questões são primordiais para que as/os estudantes do curso de Pedagogia possam entender a concepção de criança posta nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), vista enquanto seres que “nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (Brasil, 2009).

Assim, foi/é importante destacar os diferentes modos como a(s) criança(s) e suas infâncias foram/são retratadas, a depender do contexto histórico, cultural e social que se situam. Para compreendê-las ocorreram leituras e discussões, embasadas por autores como Ariès (1986), Momo (2014), Lopes (2018), Sarmiento (2004), Postman (1999), entre outros, partindo da seguinte questão: como a infância se configura na atualidade?

Com essa questão inicial, buscamos entender o modo como as infâncias foram sendo constituídas ao longo dos séculos. Para Philippe Ariès, até a idade média as crianças não tinham suas singularidades e necessidades consideradas. Segundo ele,

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se deve à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. Uma miniatura otomana do século XI nos dá uma idéia impressionante da deformação que o artista impunha então aos corpos das crianças, num sentido que nos parece muito distante de nosso sentimento e da nossa visão (Ariès, 1986, p.50).

Ainda segundo Ariès, na Antiguidade, a ausência do sentimento de infância é explicada por diversos fatores como a alta taxa de mortalidade, a não separação do mundo do adulto, bem como a relação estabelecida entre este e as crianças, marcada por sentimentos de paparicação e entretenimento. A partir do século XV observa-se uma mudança lenta e gradual nos laços entre família e filhos, influenciando, conseqüentemente, as relações estabelecidas entre o mundo adulto e o infantil.

Um dos fatores determinante para essas transformações foi o surgimento da escola, que, ao deixar de ser exclusividade dos clérigos, passa a ser o *locus* de formação das crianças, oferecendo-lhes “ferramentas” para que pudessem fazer o “ritual de passagem” da infância para a fase adulta; no interior das famílias também se percebem transformações, sendo as relações entre pais, mães e filhos(as) cada vez mais caracterizadas por uma maior proximidade, afeto e preocupação em relação a saúde, higiene, entre outras questões. Ariès destaca essas mudanças, como se pode ler abaixo:

As antigas formas de tratamento como Madame e desapareceram, Martange tratava sua mulher por “Minha querida mamãe”, ou “Minha querida amiga”, “Minha querida criança”, “Minha querida menina”. O marido dava à mulher o mesmo nome pelo qual chamavam as crianças: mamãe. Suas cartas estão cheias de detalhes sobre as crianças, sua saúde e sua conduta. As crianças são designadas por diminutivos familiares: Minette e Coco. O uso mais difundido do diminutivo e do apelido correspondia a uma familiaridade maior, e sobretudo, a uma necessidade de as pessoas se chamarem de uma forma diferente dos estranhos, de sublinhar por uma espécie de linguagem iniciática, a solidariedade dos pais e dos filhos, e a distância que os separava de todos os demais (Ariès, 1986, p.267).

No decorrer dos séculos XVII à XX ocorreram mudanças significativas na concepção e nos modos de tratar a infância. Junto às mudanças nos processos de constituição da escola, sua expansão e universalização, o centramento dos cuidados e proteção das crianças pela família, dá-se o surgimento e veiculação de saberes científicos, bem como o de padrões de comportamentos a serem seguidos a partir de papéis determinados pela sociedade, a “administração simbólica da infância” (Sarmiento, 2004).

Tais fatores indicam, segundo Sarmiento (2004) o processo de “institucionalização da infância”, que, com a chegada da “segunda modernidade”, se complexifica. Assim, as mudanças nos diversos âmbitos da sociedade, como a globalização econômica e cultural, a mercantilização da educação, a reestruturação das famílias, as mudanças nas relações entre adultos e crianças, a formação de um mercado de consumo infantil, promovem a “reinstucionalização da infância”. Nas palavras do autor,

O que pretendo enfatizar é que estas mudanças, que conjugam a plena expansão dos factores modernos de institucionalização da infância com a crise das instâncias de legitimação e com as narrativas que as justificam, tem sérias implicações no estatuto social da infância e nas diversas e plurais condições actuais de vida as crianças. As instâncias através das quais as crianças têm sido socialmente inseridas percorrem os seus trajectos de crise e são redefinidos procedimentos de administração simbólica da infância. Há, deste modo, um processo de reinstucionalização, isto é, o lugar social imputado às crianças não é já idêntico ao de outrora (Sarmiento, 2004, p. 15).

Nesse contexto, não é possível desconsiderar a presença marcante das mídias entre as crianças, em especial as digitais. Neil Postman (1999), ao decretar o “fim da infância”, apresenta uma sociedade marcada pela presença da mídia eletrônica, destacando à época, o processo de homogeneização das informações e do entretenimento ao público através da televisão.

Em seus estudos, Postman apresenta indicações de que os avanços tecnológicos na área dos meios de comunicação, desde a invenção do telégrafo, até o surgimento da internet como conhecemos hoje, desempenham papéis preponderantes nas alterações e aproximações entre o mundo infantil e o mundo adulto. Assim, discussões em torno dos processos de midiaticização da infância, emparedamento e consumo infantil, entre outras questões, foram recorrentes nas aulas, já que inseridas no cotidiano das/os estudantes.

Desse modo, os aportes históricos e sociológicos apresentados, coroados com exemplos do cotidiano e dos testemunhos das/os estudantes sobre os modos como viveram a infância, serviram de subsídios para discutir acerca de como a infância se configura na atualidade, para entender a criança que chega nas instituições de Educação Infantil, nosso maior objetivo. Nesse sentido, os produtos culturais escolhidos para representar a infância contemporânea, foram ferramentas importantes para ampliar a compreensão acerca da mesma.

Apresentaremos no tópico a seguir o artefato escolhido para a construção desse texto, revelador de compreensões acerca da criança e de suas relações com o mundo adulto.

AS CRIANÇAS NOS DESENHOS ANIMADOS: MODOS DE PENSAR E APRESENTAR A INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA

A relação das crianças com as mídias tem sido tema recorrente entre pedagogas/os e tantos outros profissionais, na busca de compreender os impactos e influências que os diferentes artefatos culturais e midiáticos produzem nos modos de ser criança na atualidade. Renata Tomaz (2017) a partir de questionamentos acerca de quais “narrativas da infância a mídia está produzindo” e “que representações da infância surgem no contemporâneo e, em que elas se assemelham e se diferenciam daquelas que poderíamos chamar de representações clássicas da infância moderna” (Tomaz, 2017, p. 30), chama atenção para duas formas de abordar tais questões: 1) o que a mídia faz com as crianças e 2) o que as crianças fazem com a mídia.

Considerando que os desenhos animados escolhidos, “Os Flintstones”, “Padrinhos Mágicos” e “Hora da Aventura”, foram pensados e produzidos por pessoas adultas, com público alvo, especialmente composto por crianças e adolescentes, esse texto se situa na busca por conhecer e compreender “o que a mídia faz com as crianças”, bem como apontar concepções de infância presentes nos desenhos animados retratados, além de

verificar as mudanças ocorridas nas relações estabelecidas entre as crianças e o universo adulto ao longo do tempo.

Para atingir os objetivos propostos, fizemos um recorte de 11 capítulos, retirado dos três desenhos animados. Inicialmente apresentamos algumas características das animações, para em seguida descrever os episódios eleitos e refletir acerca de questões que deles decorrem.

"The Flintstones" (Os Flintstones)

A série de desenho animada desenvolvida nos Estados Unidos por William Hanna e Joseph Barbera, chamada de "The Flintstones" (Os Flintstones), apresenta as aventuras da família Flintstones constituída por Fred e Wilma Flintstones e os seus melhores amigos, o casal Betty e Barney Rubble. A série foi exibida pela primeira vez na década de 60 e retrata a história do Fred, que trabalha em uma empresa privada chamada de Slaterock Gravel Company, a sua mulher Wilma, responsável por tomar conta da casa e de Pedrita, filha do casal, que é personagem secundária da história, mas que mesmo assim se mete em diversas aventuras com seus pais, demonstrando uma ligação de afeto, cuidado e preocupação entre os constituintes da família.

O desenho é retratado em uma pré-história utópica, caracterizada pela relação de harmonia entre humanos e dinossauros que são muito presentes no desenho, sendo representados como animais de estimação e principalmente facilitadores das atividades cotidianas, o que podemos atrelar a uma representação do gradual desenvolvimento tecnológico vivenciado pela sociedade mundial a partir da década de 50.

Na série, mesmo que não tenha sido criada para isso, é possível observar algumas características de como a sociedade pensava a relação dos adultos com as crianças. A participação das crianças ao longo dos episódios acontece de forma secundária a partir da figura da Pedrita (filha do casal protagonista) que aparece somente na terceira temporada. No desenho, os personagens infantis, são abordados de forma diferente das reais, visto que, desde bebês já possuem muita força, engatinham por todos os lugares, etc.

Assim, é possível identificar que o sentimento de paparicação é algo muito corriqueiro no desenho, tendo a Pedrita (filha de Fred e Wilma), uma relação muito próxima com os adultos, já que eles aparecem sempre muito presentes em sua formação, guiando-a em todas as suas aventuras, expondo também um sentimento de superprotecionismo sobre a figura infantil em diversos momentos.

A série de desenho animada “The Flintstones” é composto por 6 temporadas, cada uma delas contendo entre 20 e 30 episódios. Dentre os capítulos assistidos, optamos para o presente trabalho a utilização de 3, sendo estes o 19, 24 e 25 da terceira temporada. A escolha por tais episódios se deu por considerarmos que eles representam a ideia de criança incapaz e frágil, que precisa ser vigiada e controlada, com indícios de uma concepção de infância marcada pelo sentimento de paparicação.

Quadro 1: Abaixo os episódios escolhidos para análise

EPISÓDIOS		
Os Flintstones	Eps 19 - 3 T	Escolheu-se o capítulo 19, já que é marcado pela chegada da Pedrita, filha do casal Flintstones. A partir disso, observa-se a visão adulta sobre a criança, com uma postura superprotetora e preocupada com a sua saúde, vendo a infância como um momento que necessita de cuidados específicos, mesmo que no desenho as(os) bebês possuam uma força fora do comum e consigam engatinhar logo após o seu nascimento. Existe também um sentimento muito presente de paparicação, tanto dos pais como dos vizinhos, tratando muitas vezes a criança como um objeto de entretenimento.
	Eps 24 - 3 T	No episódio 24 observa-se em uma das cenas, que um médico chamado Dr. Rock, diz que os pais modernos possuem uma postura superprotetora para/com seus filhos. Nesse mesmo momento, Fred ressalta que não irá agir assim com sua filha, mas na cena seguinte, ao ouvi-la chorar, corre para o hospital achando que a Pedrita possuía algum problema de saúde, quando na verdade era apenas fome. No mesmo episódio, temos o surgimento de uma enfermeira designada pela mãe de Wilma para cuidar da criança. Logo em seguida, assim que a profissional chega na casa dos Flintstones, introduz medidas de segurança para a garantia do bem-estar da criança. Sendo assim, repreende Fred e Barney que estavam fumando um charuto em forma de festividade, além de buscar deixar tudo que não estava higienizado longe da criança, inclusive os próprios pais, afirmando que estavam sujos.
	Eps 25 - 3 T	Neste capítulo, Wilma e Betty decidem tirar um dia de folga para relaxar com as amigas. Barney e Fred decidem ir para a luta livre. Contudo, Fred estava responsável pela tutela da pequena Pedrita. Após pensarem nas possibilidades, decidem levar a criança com eles para o evento. Por consequência, com a presença da criança naquele ambiente, Fred e Barney são prontamente repreendidos por uma das pessoas do local, por não se tratar de um ambiente propício para a presença de uma criança. Entretanto, mesmo que na teoria a Pedrita tenha apenas alguns dias de vida, observa-se que ela tenta a todo momento engatinhar para longe do seu pai na tentativa de explorar o ambiente e as suas possibilidades; mas, mesmo quando consegue se afastar, o seu pai prontamente segue a criança, impedindo que ela fique sem supervisão de um adulto.

Fonte: da autoria para análises.

"The Fairly OddParents" ou "Os Padrinhos Mágicos"

O programa animado Canadense-estadunidense, desenvolvido por Butch Hartman e Fred Seibert no ano de 2001, "Os Padrinhos Mágicos", retrata as histórias de um garoto chamado Timmy Turner com os seus padrinhos mágicos, chamados de Cosmo e Wanda.

Nessa animação é possível notar mudanças na forma e no conteúdo em que a criança é apresentada e a relação que estabelece com os adultos de sua referência, em especial sua família. O personagem principal é o garoto chamado de Timmy Turner que possui pais não muito presentes devido as suas diversas ocupações, sendo neste caso personagens secundários, diferente de como se apresenta à criança no desenho anterior, "Os Flintstones"; entretanto, a figura da criança mantém relações verticalizadas entre as pessoas de seu círculo de relações: 1. Com sua babá, chamada Vicky, que deveria cuidar do garoto (ela é considerada vilã no desenho); 2. com outras crianças, que geralmente provocam *bullying* no protagonista; 3. com seus padrinhos mágicos, chamados de Cosmo e Wanda, que estavam ali para realizar os seus desejos, possibilitando a Timmy a vivência de diversas aventuras.

No desenho, verifica-se uma realidade social marcada pela crescente aceleração no ritmo de trabalho, com maior controle sobre o tempo e a produção, o que resulta no afastamento entre os membros da família. A partir disso, vemos uma diferença significativa em relação a como a criança é retratada e a sua ligação com o mundo adulto, principalmente com seus pais.

A série destaca que os padrinhos mágicos somente aparecem e são encaminhados às crianças que se encontram em situação de violações de direitos. No caso do personagem principal, observa-se a ausência dos seus pais, a relação extremamente abusiva com a sua babá Vicky, retratada como "a babá do mal", além do *bullying* sofrido na escola.

Sendo assim, com o distanciamento dos pais, a formação do jovem Timmy Turner é resultado de suas próprias aventuras com os seus padrinhos, Cosmo e Wanda.

O desenho é caracterizado por expor diversos ensinamentos morais vivenciados pelo personagem principal nos episódios, expressando como ele se vê enquanto criança, como lida com a sua infância, os seus pensamentos em relação a essa fase, e aquilo que projeta em relação a vida adulta.

Cada episódio tem de 20 a 25 minutos. Para esse trabalho foram escolhidos recortes do primeiro ao sexto episódio da primeira temporada (a série contém 10

temporadas). O critério de escolha dos episódios foi o de representar a infância contemporânea, na relação que estabelece com seu entorno, na escola, na família, etc., bem como a forma como “sobrevive” às questões que a atravessa na atualidade.

Quadro 2: episódios que exemplificam as questões postas

EPISÓDIOS		
Os Padrinhos Mágicos	Eps 1 ao 6 - 1 T	<p>A partir das análises iniciais constata-se que o personagem principal Timmy Turner, um menino branco de cabelos castanhos que tem como característica um chapéu e uma camisa de cor roxa e uma calça azul, está inserido em uma condição de diversas violências. Em sua escola, o garoto sofre <i>bullying</i> dos meninos mais velhos, que pegam seu dinheiro do lanche, jogam-no na lixeira, colocam diversos apelidos como “tampinha” e até mesmo enterram sua cabeça na areia.</p> <p>Ao voltar para casa, os pais, mesmo não tendo as mesmas intenções dos garotos da escola, também o chamam pelo apelido de tampinha e logo em seguida avisam sobre sua ida ao cinema e que o filme escolhido não é próprio para sua idade, e que por isso o garoto deveria ficar sobre a tutela de Vicky, a sua cuidadora.</p> <p>Assim que os pais do garoto saem de casa, a babá grita com a criança, mandando-o ir para o seu quarto.</p> <p>Devido a todas as violências sofridas no seu dia, o garoto pede aos seus padrinhos para tornar-se adulto. Isso acontece porque o Timmy acredita que sendo mais velho, seus problemas iriam sumir. Entretanto, o que o garoto não esperava era que ao se tornar adulto seus padrinhos não poderiam mais ajudá-lo por não ser mais uma criança e que não poderia voltar para casa por estar completamente diferente de antes.</p> <p>Um ponto que se destaca, é o momento em que, ao notar a sua ausência, a Vicky decide colocar um chapéu roxo em uma bola de basquete na sua cama e cobrir com um lençol para que seus pais achem que a criança está dormindo. Assim, o pai do garoto não consegue diferenciar a bola de basquete laranja do seu filho.</p> <p>Importante ressaltar a ausência dos pais durante os episódios assistidos, já que aparecem somente 2 vezes, por questão de segundos, avisando que irão trabalhar ou sair para algum lugar e por isso a criança deveria ficar com sua babá.</p> <p>A partir disso, observa-se que as aventuras do desenho animado estão em sua maioria ligadas a ensinamentos, responsáveis pelo desenvolvimento individual e moral do personagem que acontece distante do seio familiar.</p>

Fonte: da autoria para análises.

“The Adventure Time” (Hora de Aventura)

Criado pelo cartunista Pendleton Ward e produzido pela Frederator Studios, em 2010, o desenho trata de um mundo mágico pós apocalíptico onde um garoto chamado Finn vive diversas aventuras com o seu cachorro falante chamado Jake, salvando

princesas e combatendo “o mal”. Na série, observa-se que não há adultos de referência na vida do protagonista (Finn), mas que mantém uma relação de muita cumplicidade com o seu cachorro (Jake). Os dois vivem diversas aventuras e deparam-se com temas diversos, tanto destinados às crianças, como aos adultos (o desenho recebe uma classificação indicativa de 12 anos).

Desse modo, a história nos mostra que Finn apresenta-se como um herói responsável pela resolução das problemáticas apresentadas na série, que na maior parte das vezes envolve salvar as princesas que estão em perigo, enquanto Jake atua como seu conselheiro e ajudante. Por meio dessa busca por suas próprias aventuras, vemos a formação da criança.

No desenho, observam-se algumas mudanças no comportamento dos personagens, principalmente na relação estabelecida com o mundo adulto, com a utilização de expressões desse universo, por exemplo, e o surgimento de temas como relacionamentos, casamentos, filhos, etc. O critério para escolha dos episódios se pautou em ressaltar tais questões, frequentes na série indicada.

Segue a descrição dos episódios 15 da segunda temporada e o 16 da quarta temporada (a série contém 10 temporadas), que busca contemplar tais problemáticas.

Quadro 2: episódios que exemplificam as questões postas

EPISÓDIOS		
Hora de Aventura	Eps 15 - 2 T	Percebe-se que não existe, desde o início do seriado até o episódio 15 da segunda temporada, referência a adultos supostamente responsáveis pelo personagem principal, o Finn; o mais próximo disso seria o seu cachorro falante Jake. Contudo, isso não impede o protagonista de ir em busca de suas próprias aventuras. Verifica-se assim, uma criança muito mais autônoma e independente. Alguns outros temas surgem a partir dessas explorações, a exemplo da relação com o mundo acadêmico. No episódio 15, vemos o Finn e o Jake passando por uma faculdade de minhocas que estão debatendo assuntos filosóficos extremamente complexos, como o “super-homem” de Nietzsche.
	Eps 16 - 4 T	Vemos uma certa fragmentação na barreira do mundo infantil com o adulto à medida que os personagens infantis interagem com temas relacionados às questões sexuais. Neste episódio, o Finn pede conselhos amorosos ao seu melhor amigo Jake sobre a Princesa de Fogo; Jake fala que os relacionamentos podem ser comparados aos degraus das escadas, que seriam os níveis, trazendo nos níveis mais altos algumas frases que podem ser interpretadas com conotações sexuais. A reprodução completa dessa cena foi censurada em alguns canais.

Fonte: da autoria para análises.

Reflexões acerca dos desenhos

Os desenhos animados escolhidos, “Os Flintstones”, “Padrinhos Mágicos” e “Hora da Aventura”, criados na década de 60, em 2001 e em 2010, respectivamente, apresentam, a partir dos episódios assistidos para efeitos do trabalho anunciado acima, concepções de infância e de sociedade, considerando os diferentes tempos históricos em que estavam ambientados. Tais animações reforçam o entendimento de que a composição das infâncias e a da família sofrem alterações gradativas, com o passar do tempo, refletindo e/ou corroborando com as transformações sociais que vivenciam.

Considerada a primeira instância formadora da infância e das crianças, além da igreja e a escola, a família, e/ou a relação entre as crianças e os(as) adultos(as) que delas cuidam, educam e protegem, é retratada nos desenhos animados aqui apresentados. Assim, ora os adultos são superprotetores (Os Flintstones), ora estão ausentes devido às atribuições da vida cotidiana, delegando a tarefa de educar a sujeitos externos ao núcleo familiar (Os Padrinhos Mágicos), ora desconhecem ou não fazem parte do universo infantil, de seu processo formativo (Hora da Aventura).

Quanto às infâncias e crianças retratadas nas animações, percebe-se elementos de continuidade e rupturas com aspectos que marcaram a infância ao longo do tempo. Assim, de um sentimento de “paparicação” pelas crianças tidas como “crianças bibelô”, segundo Ariès (1986, p. 159), observadas em comportamentos dos adultos no desenho “Os Flintstones”, às crianças do século XXI, institucionalizadas, emparedadas pela educação escolar (e pela família), apoiadas em relações diversas com o universo adulto, por vezes confundindo-se um no outro, conforme é possível identificar nos desenhos dos “Padrinhos Mágicos” e “Hora da Aventura”, identifica-se a relação próxima com as transformações e permanências de processos sociais complexos vividos na contemporaneidade.

Assim, é possível verificar a partir das animações, que ainda se encontra em circulação na sociedade contemporânea dois discursos sobre a criança: o da infância moderna (dócil, obediente, ingênua, desprotegida) e da infância pós-moderna (consumista, midiática, erotizada, tecnológica) (Momo, 2007).

Nessa configuração, a família, a escola e a igreja deixam de ser as principais instâncias educativas (Momo, 2014), visto que a internet e seus ambientes virtuais adentram a sociedade, tornando-a cada vez mais dependente das mídias provocando mudanças nas relações familiares, na política, na religião e nos processos culturais de interação humana (Hjarvard, 2015).

Desse modo, imersas em uma cultura tecida nas/pelas imagens, cercadas por pedagogias culturais, compreendidas como “aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes etc.” (Steinberg e Kincheloe, 2001, p. 14), questiona-se se não está havendo um movimento em direção ao que Neil Postman (1999) caracterizou como “desaparecimento da infância”. Para esse autor, citado por Momo,

São evidências de que a infância está desaparecendo a inexistência de segredos em relação ao que outrora fazia parte apenas do mundo dos adultos, como a morte, o sexo e a violência; a fusão do gosto e do estilo de adultos e crianças; e a vontade de ambos de comprar quase tudo. O autor cita outras evidências mais graves como o uso de drogas, atividade sexual e criminalidade precoces, que passam a dizer respeito também ao mundo infantil. Enfim, o autor anuncia o início do desaparecimento do que se convencionou chamar de infância, considerando que os sentimentos relativos a ela e o significado social a ela atribuído estão sendo visivelmente abalados, modificados e desconstruídos. (Postman, 1999, *apud* Momo, 2014, p.12).

Contudo, não é possível desconsiderar o importante espaço que ocupam as crianças na sociedade atual, nas relações que estabelecem entre seus pares e os adultos, na produção de cultura a partir da interatividade, da ludicidade/brincadeira, do faz de conta/jogos simbólicos, a não linearidade (a comum junção de passado, presente e futuro nas narrativas infantis) (Sarmiento, 2004).

Se no desenho dos “Os Flintstones” a criança é ora invisibilizada, ora paparicada, há prenúncios de uma criança protagonista, que consegue “burlar” a extrema vigilância e controle do universo adulto, que a vê como incapaz e frágil; em “Os Padrinhos Mágicos” e “Hora da Aventura”, em que pese as dificuldades da criança em entender o mundo à sua volta, com relações de distanciamento com as pessoas ao seu redor, que não consideram seus interesses e modos de ser, há a busca por saídas a partir do lúdico, do desenvolvimento do imaginário e do faz de conta, uma “reprodução interpretativa”, como diz Corsaro (2002), a criação de uma cultura lúdica, na perspectiva de Brúgere (1998).

Tais questões, inseridas em um curso de Pedagogia, na formação de pedagogas/os (professoras/es, coordenadoras/es pedagógicas/os, gestoras/es) para atuar na Educação Infantil (entre outros campos de trabalho), são imprescindíveis para que se compreenda as diferentes infâncias que estão inseridas nessa etapa educativa. Esse é o nosso maior desafio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste texto foi apresentar de que modo a discussão acerca da infância contemporânea foi trabalhada em um componente curricular do Curso de Pedagogia da UFPB. Definimos como fio condutor das discussões a pergunta sobre “quem são as crianças que chegam nas instituições de Educação Infantil”. Para tanto, foi proposto que as/os estudantes escolhessem artefatos culturais que apresentassem o modo como a(s) infância(s) está/ão sendo retratadas pela sociedade em geral. Esse texto, fruto de uma atividade avaliativa, tendo os desenhos animados “Os Flintstones”, “Os Padrinhos Mágicos” e “Hora da Aventura”, foi escolhido para fazer o relato dessa experiência.

Ao longo deste trabalho, intentou-se apresentar as temáticas relacionadas ao processo de construção do ser criança, tratadas em sala de aula, pondo em destaque, a partir dos elementos trazidos pelas animações, a forma como a criança é abordada, bem como as relações entre o mundo adulto e infantil, mediado pelas transformações sociais, em contextos midiáticos.

As discussões trazidas pelo tema da infância, em uma disciplina voltada para a Educação Infantil, nos instigam a pensar acerca do trabalho da(o) pedagoga(o), especificamente a(o) professora(or) que lida com as crianças que chegam na primeira etapa da Educação Básica, diante dos desafios postos. Apontou-se a necessidade de uma prática pedagógica revestida de teorias e de intencionalidade, para a formação crítica, fundamentada na constante reflexão dos processos educacionais e da própria prática, no que Franco (2015) denominou de “didática multidimensional”.

Nessa perspectiva, planejar e avaliar as ações junto às crianças, buscando compreender e valorizar as suas experiências, de modo a trazê-las para o centro dos processos, colocando-as também como seres capazes de influir nas decisões, desenvolvendo a participação e a escuta, compreendendo-as em suas especificidades, enquanto produtoras de cultura, se fazem urgente e necessárias na busca pela valorização da(s) infância(s) e mais especificamente da pequena infância em espaços institucionais e para além deles.

Por fim, sendo as crianças cercadas na atualidade por pedagogias culturais que informam um modelo de sociedade “que se caracteriza pela efemeridade, pela velocidade e pela instantaneidade” (Momo, 2014, p. 16), faz-se urgente pensar em

fomentar nas crianças a capacidade de filtrar as informações advindas dos ambientes tecnológicos (Grossi, Leal, Silva, 2021).

Assim, considerando que as instituições de Educação Infantil constituem importante espaço de interações entre adultos e crianças, promotoras, portanto, de seu desenvolvimento, que se almeja integral, cabe às/aos profissionais aí inseridas/os, proporcionar vivências para que se possa fazer uso de vídeos, desenhos animados, imagens, propagandas, etc., que possibilitem o encontro, a interação, o diálogo, o desenvolvimento da oralidade, da escrita, do imaginário, do faz de conta, da ludicidade.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara. 2º. ed. 1986.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil**. Brasília, DF: Brasil, 2009.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. São Paulo, SP: **Revista da Faculdade de Educação**, v. 24, n.(2), p. 103-116, 1998. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/rfe.v24i2.59630>>. Acesso em: 14 out. 2023.

CORSARO, William. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz de conta” das crianças. Porto, Portugal: **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 17, 2002. Acesso em: 14 out. 2023.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Didática para quem? Didática para quê? Reflexões a partir de seu objeto. In: CAVALCANTE; Maria Marina Dias. **Didática e a prática de ensino**: diálogos sobre a escola, a formação dos professores e a sociedade. Fortaleza, CE: EdUCE. 2015. p. 01-23.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; LEAL, Débora Cristina Cordeiro Campos; SILVA, Mônica Ferreira da. Educação Midiática. Cultura Digital e as Fake News em Tempos de Pandemia. São Paulo, SP: **Educação em Revista**. Marília, v. 22. p.179-198. Edição Especial. 2021.

HJARVARD, Stig. Da mediação à midiaticização: a institucionalização das novas mídias. **Parágrafo**, v. 2, n. 3, jul./dez., 2015. Acesso em: 20/09/2022.

HORA de Aventura. **Hora de Aventura Fandom**. Disponível em: <https://horadeaventura.fandom.com/pt-br/wiki/Hora_de_Aventura#articleComments>. Acesso em: 20/09/2022.

LOPES, Jader Moreira. **Geografia e Educação Infantil**: espaços e tempos desacostumados. 1ª ed. Mediação. 2018. p.23-34.

MOMO, Mariângela. **Mídia e consumo na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola.** Tese de doutorado. Porto Alegre, RS: 2007.

MOMO, Mariângela. As crianças de hoje não são mais como antigamente! Implicações culturais no mundo contemporâneo para os modos de ser e viver a infância. Rio Grande do Sul, RS: **Textura** - Revista de Educação e Letras. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1243/932>>. Acesso em: 20/09/2022.

OS Padrinhos Mágicos. **Os padrinhos mágicos de Timmy fandom.** Disponível em: <https://ospadrinhosdetimmy.fandom.com/pt-br/wiki/Os_Padrinhos_M%C3%A1gicos>. Acesso em: 20/09/2022.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Tradução: Suzana M. de Alencar Carvalho e José Laurentino de Melo. Rio de Janeiro, RJ: Graphia, 1999.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos:** perspectivas socio pedagógicas da infância e educação. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. **Cultura Infantil.** Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2001.

THE Flintstones. **Wikipedia.org.** 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Flintstones>. Acesso em: 20/09/2022.

TOMAZ, Renata. O. **O que você vai ser antes de crescer? – Youtubers, Infância e Celebridade.** Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. Rio de Janeiro, RJ: 2017.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA(S) E CRIANÇA(S): ABORDAGEM METODOLÓGICA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFPB

Conceptions of childhood(s) and child(ren): methodological approach in the pedagogy course at UFPB

Nádia Jane de Sousa

Doutora em Educação
Universidade Federal da Paraíba
Centro de Educação, Curso de Pedagogia
Departamento de Habilitações Pedagógicas
João Pessoa, Brasil.
janenadia@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3648-4559>

Eduardo de Souza Lima

Graduando do curso de Pedagogia
Centro de Educação, Curso de Pedagogia
Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa, Brasil
eduslufpb@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0002-4867-0102>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Presidente Nilo Peçanha, Nº 110, apto. 202, CEP: 58035-200, João Pessoa/PB, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: N. J. Sousa, E.S Lima.

Coleta de dados: N. J. Sousa, E.S Lima.

Análise de dados: N. J. Sousa, E.S Lima.

Discussão dos resultados: N. J. Sousa, E.S Lima.

Revisão e aprovação: N. J. Sousa, E.S Lima.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 11-03-2024 – Aprovado em: 17-04-2024